

ArteMar

Estoril
2013



ANTÓNIO AIRES DE ABREU

“Matriz”

Esta obra, como o próprio nome indica, representa uma fonte, um lugar onde alguma coisa nasce ou se gera. É portanto simples criar uma analogia com o mar, a água, que é de igual forma a matriz do ser vivo.

Os elementos que constituem a peça remetem-nos para esta ideia - a caixa é uma representação deste lugar comum onde todas as coisas surgem, a onda, a matéria e o início da formação dos objetos.

Matriz, 2011
Assemblagem
Aço corten e resíduos de madeiras
200x200x200 cm

ArteMar

Estoril
2013



BEATRIZ PALMA
MARIA LOURENÇO
MARIA FERREIRA

“Com 3 paço”

Optámos por explorar a dualidade entre a sequência Fibonacci e o Homem. O búzio, ao servir-nos como fonte de inspiração, estabelece uma relação com os fósseis presentes no paredão, relativizando os conceitos ‘natural’ e ‘artificial’.

A obra é composta por 5 octógonos e 4 hexágonos, definidos a partir de estruturas lineares, de modo a compor a paisagem e a tirar o maior partido daquilo que ela nos oferece; não privamos o observador da paisagem natural e proporcionamo-lo a ‘entrar’ na escultura de forma a criar uma nova experiência estética.

Ao estabelecermos um equilíbrio entre o espaço e a escultura, desejamos criar uma visibilidade de igualdade, de modo a que uma não seja dominante em relação à outra. Nesta medida, cada elemento da composição escultórica assume uma simbologia própria.

A importância de transmitir tranquilidade e leveza ao observador, foi uma preocupação que esteve sempre em consideração, pois são esses os sentimentos que desejamos transmitir ao público da nossa obra.

Com 3 Paço, 2013
Pinho envernizado, pregos, parafusos e
porcas
180x500x180 cm

ArteMar

Estoril
2013

EDUARDA
PEDRO

“*Mensagem 2013*”

Nesta peça pretende-se homenagear Portugal através do Mar de Cascais no “Padrão” poético de Fernando Pessoa *in Mensagem*.

Apresento para isso uma técnica mista criada a partir de metal (ferro e chapa) e ainda de matérias recicláveis, como por exemplo o plástico, a madeira, a cortiça, a corda e material de rede de pesca.

A minha intenção é criar geometricamente e de uma forma simples, uma peça que se integre no local, dialogando, enquanto obra contemporânea, com o MAR, ali fortemente presente. Mar este que foi, é e será SEMPRE a identidade e a consolidação da Nossa Alma LUSA.



Mensagem, 2013
Técnica Mista
Ferro, chapa, plástico, madeira, cortiça,
corda e rede de pesca
260x95x235 cm

ArteMar

Estoril
2013



O Abrigo, 2013
Técnica mista
Madeira, rede de plástico, corda de polietileno, canas, plásticos, plantas e algas.
150x200x250 cm

FILIPE MARQUES PEREIRA

“O ABRIGO”

“ O aumento da temperatura no planeta está em andamento, e a consequente subida do nível médio da água do mar.

O aquecimento global provoca a subida dos mares principalmente por causa da expansão térmica da água dos oceanos. O segundo fator mais importante é o derretimento de calotes polares e camadas de gelo sobre as montanhas, que são muito afetados pelas mudanças”.

Quando a água cobrir toda a superfície terrestre, os poucos seres humanos que sobreviverem, terão de descobrir uma forma de se manter fora de água, pois este não é o seu habitat natural.

Na tentativa de sobreviver, construirão um abrigo com os materiais que lhe chegarem às mãos, e que flutuam no mar. Estes materiais foram aí depositados pelo homem, fruto das suas atividades e da sua negligência.

O que em determinado momento foi considerado indesejável, poderá vir a ter uma função primordial na nossa vida, no entanto algo de catastrófico inevitavelmente acontecerá, durante a passagem do indesejável ao primordial.

ArteMar

Estoril
2013



Jaquinzinho, 2013
Madeira, plástico, nylon, parafusos
de inox, cana de peca, lona, esponja,
poliéster, esferovite, corda e verniz
marítimo.
210x280x290 cm

JOÃO MOURO

“Jaquinzinho”

Joaquim Manel Ascensão,
Mestre pescador chefe de embarcação,
com todas as licenças de autorização,
impostos e inspeção em dia.

só saía

para o mar com derrota destinada em direção à sua especialidade de espécie específica: jaquinzinhos.

O seu segredo navegava na confeção do isco com arroz de tomate, duplamente agregado em trabalhos com sua esposa Clarinda Minúcia, cujo crochet se substituiu-lha malha pelo nylon.

Certa noite de pescaria, atracado pela capitania, a tal tempestade, Joaquim jamais sobreviveria.

Uma nova lei proibia, a pesca de jaquinzinhos, pois já andava em demasia.

A carta do Ministério da Agricultura e Pescas enfim chegou

e logo Jaquinzinho fritou,

de muitas palavras caras que lia

módica quantia extraía.

O pior era ver sua traineira abatida, subsuicídia.

Em boa altura a fritura

subiu-lhe a temperatura.

Joaquim agarrou nos restos de sua embarcação e armou o defeso, pois atão.

Emparalelou duas cavernas entre as madeiras do costado, cobertas com bóias

e defensas amarradas por um massame. Contra o sol, dois remos hasteados

içavam a vela, ora caçada, ora folgada pelo rebobinar da cana. Joaquim enfim

amainou-se à sombra, dedicando-se agora ao balanço do defeso.

ArteMar Estoril 2013



LILIANA
FERREIRA

“Mogos I e II”

“Mogos” foi uma série de esculturas que foram concebidas como ponte de relação entre a forma, o material e a minha identidade.

Esta peça procura referir uma problemática da memória.

É composta por três tipos de material. Um colete de ferro, cordas marítimas e braçadeiras plásticas.

Durante o desenvolvimento da série, as similaridades entre a minha experiência e a conceção das peças centraram-se nas ações de constrição, de tensão e de rutura que se aplica à rigidez dos sistemas segmentários e às operações que exercem sobre o espaço.

A forma férrea que constrói constrixe a flexibilidade e robustez das cordas, mantendo este órgão num estado de tensão constante, sugerindo uma memória muscular.

Acompanhado desta memória muscular existe uma identidade presente nas cordas, uma reminiscência do seu espaço anterior: o território marítimo. Esta referência é importante não pela carga simbólica, mas pela narrativa que esboçamos ao ver o desgaste das cordas. Garante a existência de um passado.



Mogos I e II, 2013

Estruturas metálicas soldadas, barras de ferro de 40mmx3mm e 30mmx3mm. Corda de nylon e chumbo de 50mm de diâmetro, braçadeiras plásticas pretas. 90x65x120 cm e 45x45x90 cm

ArteMar

Estoril
2013



LUÍS
SIMÕES

“Tecido de Paisagem”

Tecido de Paisagem, é o resultado de caminhadas feitas ao longo das praias da Costa de Caparica, Foz do Arelho e Lagoa de Óbidos. A colheita teve um tempo muito próprio ritmado por marés e ventos que cobrem e descobrem a matéria colhida.

São partes de cordas marcadas por uma vivência diretamente relacionada com o homem e todas as artes piscatórias. O areal é, assim, o reflexo destas atividades humanas criadoras duma nova e turbulenta paisagem.

Tecido de Paisagem foi feito no areal da Costa de Caparica de onde proveio a maior parte da matéria recolhida. O lugar é em si mesmo o espaço de trabalho e de reflexão. Cada linha contém uma expressão própria de tempo e espaço.

Tecido de Paisagem, 2013
Tecelagem, cordas e madeiras encontradas na praia, linha de cozer redes de pesca, pregos de latão e de Agáve

ArteMar

Estoril
2013



Ondas de Memória, 2013
Processos construtivos de carpintaria e
serralharia,
Madeira e aço inox
210x120x450 cm

MARTA
LIMA

“Ondas de Memória”

Barca em movimento, recordação e memória de quem vive junto ao mar.
E à medida que a idade avança, muitas são as memórias que se cruzam na
encruzilhada da vida: onda que vai, onda que vem...

Onda que vai, onda que vem...

Movimento eterno para cá e para lá, traz-nos memórias, leva-nos as memórias,
sempre num movimento pendular constante.

É assim o mar e a vida.

Água que vai e vem, pedaços de objetos que dão à costa, outros que
guardamos religiosamente no baú e que nos fazem ser o que somos.

Pedaços de objetos/memórias guardados, recordações de uma vida construída
por fragmentos de objetos, que recolhemos e reciclamos ao longo dos anos.

Pedaços inúteis que fazem história.

A minha história.

A nossa história.

Pedaços de madeira que nos recordam peças de um puzzle gigante que outrora
navegava no mar, o sonho do marinheiro e da menina que queria tocar o sol
com a ponta dos dedos.

Montamos o puzzle, demos forma ao nosso barco, rodamos a hélice.

Viajamos mar a dentro...

ArteMar

Estoril
2013



Emergência de Almas, 2013
Estrutura de canas, revestimento com
garrafas de vidro
300x460x600 cm

NUNO
MALATO

“Emergência de Almas”

O mar da Vida

Que tudo traz e leva
Que separa e liga

Perpétuo recicla e gera

E nas suas marés vivas
Os melhores salvados potencia

Enquanto elemento da Vida, é o homem que atravessando uma “maré viva” se encontra num processo particular de reciclagem, numa vaga desejosa do acordar ou lavar das almas, numa evolução harmoniosa com o resto da Natureza.

Com canas vulgares apanhadas na praia e garrafas de vidro do mar da cidade, desenvolve-se uma onda em construção que progride naturalmente para a sua rebentação.

Como gotas de água ou pessoas, as garrafas simbolizam aqui os sentimentos individuais enclausurados nos “ventres”, que ao se aproximarem da crista cantam com o vento...

Esta vaga, Emergência de Almas ou caminhada de abertura para a Vida, é pois mais uma celebração da simplicidade do Ser, com a riqueza e força da sua (in) vulgaridade e flexibilidade no constante acontecer do devir. É pois mais uma celebração da infinita e solidária “mão” da Vida, onde cada Ser com a sua verdade, a sua grandiosa pequenez, é um “dedo” essencial.

Formalmente, ergui dois troços da onda afastados para que as pessoas se entremeiem neles, completem-na com a sua imaginação e dela façam parte, em construção...

ArteMar

Estoril
2013

SUSANA
LOPES

“Revolta”

O mar devolve ao homem tudo o que deste recebe. A sua revolta ou aviso está perante os nossos olhos. Praias, encostas ou até mesmo os nossos pratos possuem vestígios do que o mar nos trás de volta.

Para alguns o mar é como uma terapia introspetiva e faz-nos bem. Quando deixaremos de pensar só em nós e vamos cuidar do que nos mantém vivos? Até quando o mar suportará as nossas opções e ações conscientes ou inconscientes? Estas são as questões centrais que coloco com a peça “Revolta”.

O trabalho representa uma onda aparentemente ameaçadora em nossa direção, sendo que o material eleito, entre muitos que surgem do mar, foi a corda e rede de pesca. A reutilização destes materiais marítimos marcaram-me não só pelo seu aspeto estético para a concretização desta escultura, como também pelo facto de serem abundantemente encontrados nas praias ou destinados a lixo/reciclagem em portos de pesca. A onda de corda caracteriza metaforicamente um mar revoltado com a humanidade e que lhes devolve os seus estragos.

Pretendo chamar a atenção de que a natureza, superior a nós, decide o seu momento de revolta se não lhe dermos a devida e merecida atenção.



Revolta, 2012/2013
Madeira, ferro, cordas e rede de pesca
200x180x250 cm

ArteMar

Estoril
2013



Olhos do Oceano, 2013
Construção de tijolos pintados
230x400x90 cm

UROS USCEBRKA E MILENA MILOSEVIC

“Olhos do Oceano”

“O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano.” Isaac Newton
“O horizonte está nos olhos e não na realidade.” Angel Ganivet

A linha imaginária que une o oceano e o céu oferece uma sensação que uma imensa massa olha na nossa direção.

A escultura “Olhos do oceano” é um fragmento desta impressão e ilusão pessoal. É uma pesquisa que representa um quadro abstraido duma vista panorâmica e duma realidade. É um objeto de três dimensões, mas um projeto também feito para atuar como uma pintura dum horizonte simplesmente pintado, com umas transparências que faz que em certas posições o espectador possa ver através da escultura. É uma presença artística pesada pelo material do tijolo, mas igualmente ligeira pelo vazio na estrutura e a cor, é como um jogo de diferentes visões e sentimentos.

A intenção final é uma escultura e/ou pintura que finge uma imagem sempre visível, mas ignorada, incorporando uma estratégia que junta todos os elementos numa única peça.